dealbar

ANO I | SÃO PAULO, JANEIRO DE 1967 | NÚMERO 4

alcoolismo problema moral econômico e social

Já em 1853, o alcoolismo foi definido por Hagnus Huss como sendo ,o uso e abuso da ingestão de bebidas alcoólicas, com os conseqüentes sintomas e sinais patalógicos, físicos psiquicos, apresentados pelo alcoólatra.

Gluber disse que o álcool, chegando ao seio da substância nervosa, excita-a tornando-a um agente de estupefação segundo a dose.

O seu uso, mesmo moderado, é prejudicial. As doses, aparentemente inofensivas, imprimem nos centros nervosos diminuição de energia e de resistência, deprimindo os e intoxicando os lentamente.

O Dr. Dutra de Oliveira, da Acadêmia Nacional de Medicina, afirmou: "Precisamos modificar a concepção de que alcoolista é aquele que, após as libações, cai nas sargetas; alcoólismo é hoje um grande mal de que a Sociedade moderna não quer se aperceber, mas que se estriba no uso de pequenas doses de bebidas alcoólicas de maneira freqüente. O mal está na continuidade, queiram ou não...".

Conhecedor do terrível perigo que reside no alcóolismo, eis o pronunciamento do Dr. Andrew Ivy, grande autoridade médica: "Todo jovem deve compenetrar-se de que, presentemente, ninguém pode predizer qual a pessoa que, uma vez começando a beber é suscetível de tornar-se um alcoólatra."

"Precisam os jovens de saber que tomar um ou dois tragos aumenta a tendência à promiscuidade sexual, a nascimentos ilegítimos, doenças venérias, desquites, dificuldades em família, vícios e crimes."

"Precisam os jovens de saber ainda que o único remédio para o alcoolismo é a abstinência total, e esta é também a única maneira de preveni-lo".

Diz Sêneca: — "Procura a satisfação de ver morrer teu vicio, antes que êle veja morrer a tua alma."

E é verdade, pois, Reis e imperadores, príncipes e conquistadores, frades e operários, ricos e pobres, tôdas as classes em tôda a história foram tocadas pelo álcool e, por isso, poderosas nações e competentes homens como Alexandre da Macedônia, foram exterminados por êle.

Disse renomado criminalista dinamarquês, no XVI Congresso Internacional sôbre Álcool, que, estão estreitamente ligado os crimes e o alcoolismo. Demonstrou êle que quase todos os crimes de violência foram cometidos em estado de alcoolismo.

Eis o caminho do alcoólatra: das malhas da garrafa, para as grades da prisão, pois só na Penitenciária de S. Paulo, segundo afirma o Sr. Moisés Nigri, de cada 10 presos, 9 ali estão por causa do álcool.

Analisemos, pois, três aspectos desta arma satânica:

I — *Alcoolismo como Problema Social*:

Não se diga que em todos os países o alcoolismo não é um problema social. O vício das bebidas alcoólicas não tem mais distinção de classe.

Novamente, eis o que afirma o Dr. Dutra de Oliveira, da Acadêmia Nacional de Medicina: — "Antigamente, só os homens eram atingidos pelo vício de beber, mas, hoje em dia, com a proliferação dos bares, o mal se disseminou e até mulheres e menores são dominadas pelo vício.

O álcool adentrou-se pelos lares e sob seu influxo opera-se impiedosa devastação física e moral.

O tempo vai-se encarregando de mostrar a nocividade do uso do álcool, exteriorizando-se no esmorecimento do carácter, e na perda de posições por parte de famílias nobres e conceituadas.

II — *Alcoolismo como problema Econômico Nacional e Individual.*

No aspecto Econômico, o problema é terrível, pois, 5% da renda Nacional é gasta com os problemas do alcoolismo.

E, ainda assim, os vendedores e fabricantes de bebidas alcoólicas ousam dizer que esta indústria não deixa de trazer grandes rendas para o país.

A essa objeção, deixo responder o Dr. Edwino Tempski, médico paranaense: "As eventuais vantagens econômicas e indústrias que provêm desta fonte jamais constituirão um preço suficientemente compensador, pela dignidade, pela paz, e pela higidez da família brasileira.

Se é que a nação caminha pelos pés de sua infância, também o é que a felicidade de seu destino está em íntima dependência de gerações sadias, física e espiritualmente."

O govêrno despende, em seus orçamentos anuais milhões no combate às endemias rurais, malárias, tuberculoses, tracoma, etc. e nada para o combate ao alcoolismo, que é no Brasil o 4.º ou 5.º problema de saúde pública, ainda que não o queiramos reconhecer (é o 2.º nos E.E.U.U. da América do Norte. Só mesmo sobrepujado pelas doenças cardíacas naquele país) e pela tuberculose e doenças várias causadas por defeitos de nutrição e mortalidade infantil em nosso país.

E quanto nos custa tudo isto?

Nos E.U.A. se consome anualmetne cêrca de Cr$... 4.500.000.000.000, (4 trilhões e meio de cruzeiros) em bebidas alcoólicas. Que se poderia fazer com tudo isso? Basta pensar que o govêrno brasileiro poderia financiar tôdas as suas despesas por quase 4 anos.

Isso é quase 20% menos do que se gasta naquele país em educação, pesquisas e projetos científicos de tôda natureza. No ano de 1957, apesar das restrições cambiais no Brasil, êste importou mais de Cr$ .... 750.000.000 em whisky e outras bebidas, quase o dôbro do que gasta em sua campanha contra a tuberculose, e cêrca de 10 vêzes o que no mesmo ano recebeu o Departamento Nacional da Criança!

Sòmente na cidade de Nova Iorque existem cêrca de 250.000 alcoólatras que custam à cidade, em tratamentos, hospitais, medicamentos e assistência social mais de 200.000.000 de dólares. Naquela mesma cidade existem mais de 10.000 famílias que vivem às expensas da caridade pública ou privada por causa de pais alcoólatras que estão na prisão ,asilo ou hospício, e que custam à cidade mais de 40.000.000 de dólares por ano.

Por que nos referimos tanto a outros países? Não porque se beba mais lá do que aqui, mas porque não há no Brasil estatisticas completas que nos

(Continua na 2.ª pág.)

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

dêem uma idéia clara do problema, se bem que sejam comparáveis os nossos problemas.

III — *Alcoolismo Como Problema Moral.*

No aspecto moral, o assunto é por demais evidente.

Contemplai os trapos humanos estatelados nas sarjetas e nos próprios leitos das ruas, despertando nos espectadores, ao mesmo tempo, uma sensação de asco e um sentimento de compaixão.

E são milhares de personalidades arrasadas, dignidades humanas assoladas pela vergonha e pelo desprêzo, sêres humanos anulados pelo veneno terrível .hamácida, que é vendido muitas vêzes como medicamento.

A renomada escritora americana Sra. Ellen G. Whit diz-nos: "O costume de se ministrarem instruções anti-alcoólicos na escolas, é um movimento feito na direção exata. Devem-se ministrar instruções nesse sentido em tôda escola e em todo lar.

Os jovens e as crianças devem compreender o efeito do álcool e de outros venenos semelhantes em alquebrar o corpo, obumbrar a mente e tornar sensual. Deve-se explicar que qualquer que use estas coisas não pode, por muito tempo, possuir tôda a fôrça de suas faculdades, fisícas, mentais e morais.

Assim, a soma de tudo o que se disse é: "O álcool como bebida arruína e mata o homem", pois mais devastadora do que as guerras de extermínio é a acão do álcool e de seus associados. Esfacelando lares arruinando famílias inteiras, criancinhas inocentes, jovens robustos e promissores, levando prematuramente à sepultura personalidades que seriam as glórias e sustentáculo da sociedade.

Por isso eu vos suplico: não vos deixeis levar pelas propagandas estudadas e falsas, nem permitais que a beleza do rótulo ou garrafa vos impressione.

Pois, a garrafa, grande ou pequena, rústica ou elegante, que contenha bebida alcoólica, seja esta a simples caninha ou seja qualquer dos mais ricos e elaborados licores, projeta sempre uma sombra sinistra e má.

Eis quanta miséria e transitar pela vereda tortuosa desta sombra maligna.

O cortejo é de molde a confranger a alma: eis, passam com auxílio de muletas e legião dos que a bebida fêz adoecer, os obsos, os reumáticos, os tuberculosos, os velhos antes do tempo, os que tem o estômago e o fígado em farrapos, os atacados de "delirium tremens", os loucos...

Eis, a seguir, os seus pobres filhos, vítimas inocentes das mazelas paternas e maternas, escrofulosos, raquíticos, epiléticos, idiotas e dementes... arrastam-se todos seguindo uns, ainda com algum vigor, no princípio de sua carreira descencional, outros, a muito custo, em esgares e cambaleios são os que se aproximam do seu destino: "Uma cova anônima..."

O cortejo é infindo, sim, e desfila dia e noite sem cessar; observai-o bem, senhores leitores, meditai nestas narrações, como é funesta esta sombra maldita, e resolve agora a tornar-te um batalhador nesta cruzada contra o alcoólismo.

PEDRO JOSÉ MACHADO

O grande ditador

Sinto muito, mas não pretendo ser um imperador. Não é êsse o meu ofício. Não pretendo governar ou conquistar quem quer que seja. Gostaria de ajudar a todos — se possível —, judeus, o gentio... negros... brancos.

Todos nós desejamos ajudar uns aos outros. Os sêres humanos são assim. Desejamos viver para a felicidade do próximo — não para o infortúnio. Por que havemos de odiar e desprezar uns aos outros? Neste mundo há espaço para todos. A terra, que é boa e rica, pede prover tôdas as nossas necessidades.

O caminho da vida pode ser o da liberdade e da beleza, porém nos extraviamos. A cobiça envenenou a alma dos homens... levantou no mundo as muralhas do ódio... e tem-nos feito marchar a passo-de-ganso para a miséria e os morticínios. Criamos a época da velocidade, mas nos sentimos enclausurados dentro dela. A máquina que produz abundância, tem-nos deixado em penúria. Nossos conhecimentos fizeram-nos céticos; nossa inteligência, emperdenidos e cruéis.

Pensamos em demasia e sentimos bem pouco. Mais do que de máquinas, precisamos de humanidade. Mais do que de inteligência, precisamos de afeição e doçura. Sem essas virtudes, a vida será de violência e tudo será perdido.

A aviação e o rádio aproximaram-nos muito mais. A própria natureza dessas coisas é um apêlo eloqüente à bondade do homem... um apêlo à fraternidade universal... à união de todos nós. Neste mesmo instante, a minha voz chega a milhões de pessoas pelo mundo afora... milhões de desesperados, homens mulheres, criancinhas... vítimas de um sistema que tortura sêres humanos e encarcera inocentes. Aos que me podem ouvir, eu digo: "Não desespereis!" A desgraça que tem caído sôbre nós não é mais do que o produto da cobiça em agonia... da amargura de homens que temem o avanço do progresso humano. Os homens que odeiam desaparecerão, os ditadores sucubem e o poder que do povo arrebataram há de retornar ao povo. E assim, enquanto morrem homens, a liberdade nunca perecerá.

Soldados! Não vos entregueis a êsses brutais... que vos desprezam... que vos escravizam... que arregimentam as nossas vidas... que ditam os vossos atos, as vossas idéias e os vossos sentimentos! Que vos fazem marchar no mesmo passo, que vos submetem a uma alimentação rograda, que vos tratam como um gado humano e que vos utilizam como carne para canhão! Não sois máquinas! Homens é que sois! E com o amor da humanidade em vossas almas! Não odieis! Só odeiam os que não se fazem amar... os que não se fazem amar e os inumanos!

Soldados! Não batalheis pela escravidão! Lutai pela liberdade! No décimo sétimo capítulo de São Lucas é escrito que o Reino de Deus está dentro do homem — não de um só homem ou um grupo de homens, mas dos homens todos! Está em vós! Vós o povo, tendes o poder — o poder de criar máquinas. O poder de criar felicidade! Vós, o povo, tendes o poder de tornar esta vida livre e bela... de fazê-la uma aventura maravilhosa. Portanto — em nome da democracia — usemos dêsse poder, unamo-nos todos nós. Lutemos por um mundo nôvo... um mundo bom que a todos assegure o ensejo de trabalho,

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

que dê futuro à mocidade e segurança à velhice.

É pela promessa de tais coisas que desalmados têm subido ao poder. Mas, só mistificam! Não cumprem o que prometem. Jamais o cumprirão! Os ditadores liberam-se, porém escravisam o povo. Lutemos agora para libertar o mundo, abater as fronteiras nacionais, dar fim à ganância, ao ódio e à prepotência. Lutemos por um mundo de razão, um mundo em que a ciência e o progresso conduzam à ventura de todos nós. Soldados, em nome da democracia unamo-nos!

Estás me ouvindo? Onde te encontres, levanta os olhos! Vês! O sol vai rompendo as nuvens que se dispersam! Estamos saindo da treva para a luz! Vamos entrando num mundo nôvo — Um mundo melhor, em que os homens estarão acima da cobiça, do ódio e da brutalidade. Ergue os olhos! A alma do homem ganhou asas e afinal começa a voar. Voa para o arco-íris, para a luz da esperança. Ergue os olhos, ergue os olhos!

Do livro MINHA VIDA — CHARLES CHAPLIN

ser jovem é... ser jovem, bolas

A juventude não é um período da vida. Ela é um estado de ânimo. Um efeito da vontade, uma qualidade da imaginação. Uma intensidade emotiva. Uma vitória da coragem sôbre a timidez de gôsto da aventura; sôbre o amor do confôrto. Não é por têrmos vivido certo número de anos que envelhecemos. Por abandonarmos o mesmo ideal é que aparecem as rugas em nosso rosto. Renunciar ao ideal enrruga a nossa mente. As preocupações, as dúvidas e os temores são os inimgios que lentamente nos fazem inclinar para a terra e nos tornem pó antes da morte.

Jovem é aquêle que se admira. É aquele que se maravilha e pergunta. Como a criança insaciável no saber. Que desafia os acontecimentos e encontra alegria no jôgo da vida.

És tão jovem quanto o teu ideal, tão velho quanto a tua descrença. Tão jovem quanto a tua confiança em ti e a tua esperança. Tão velho quanto o teu desânimo. Serás jovem enquanto te conservares receptivo ao que é belo, bom e grande. Receptivo às mensagens da natureza. Do homem ao infinito.

E se um dia, teu coração fôr atacado pelo pessimismo o corroído pelo cinismo, é porque já te faz falta a juventude.

FELICIO SENIGAGLIA

o desenho é...

Boneti explica seu desenho com o que se segue:

— Pela pureza de uma criança, que sente despercebida a dor de uma vida desgraçada;

Que passa fome, como se passar fome fôsse um convite ao brinquedo de pedir;

Que sente alegria, como se alegria fôsse viver se deliciando diante de uma vitrina que a separa de um mundo de fantasias...

Pelo brado de uma mãe, que vê seu filho privado de uma infancia feliz;

Que para dar-lhe algo, tira tudo de si mesma, tudo é o pouco que ainda lhe resta;

Que clamo à todos e por tudo sem que ninguém e nada a perceba...

Por isso tudo, revolto-me num desabafo pois contra a vida, e transporto-me em meus quadros num desejo ardente de alcançar aos céus e provar ao "Deus Triste", onde quer que êle esteja escondido, acordá-lo e trazê-lo novamente à terra para que veja então as falhas da consagração...

BONETTI

ser ou haver eis a questão

Diga-se para começar, que haver é muito mais fácil do que ser. E não há aí nenhum paradoxo, nenhuma palavra de efeito puramente literário.

Ser é uma atividade sobrehumana.

Os pássaros são. A rosa é. De um modo geral também as coisas do reino mineral conseguem persistir na sua essência. Menos o homem. O homem tem uma grande tendência a falsificar-se. Muito por culpa dos outros, que não deixam que êle seja. As engrenagens da sociedade, os preconceitos de tôdas as eras, concentrados em códigos civis, penais ou éticos, viciam a autenticidade do homem.

Geralmente somos o que o nosso meio determina, uma sombra da nossa realidade interior, uma fração da nossa personalidade original. Em última análise: não somos o que deveríamos ser, ou o que poderíamos se não tivéssemos de ser como querem que sejamos.

Mas é preciso tentar.

Antes de tudo, buscar a autencidade perdida, a todo custo. Mergulhar de volta pelos velhos labirintos do espírito e procurar a origem, à maneira dos salmões, correnteza acima.

Duas fôrças impelem o homem nessa longa busca de si mesmo. Uma puramente racional: a atitude filosófica, científica. Outra imponderável e selvagem, mas pura como tôdas as fôrças naturais: o amor.

Um homem abnegado pode tanto quanto um apaixonado. Mas neste último caso é preciso muito amor. Não dêsse amor côr-de-rosa que a gente vê em filmes. Mas amor de tendência universal. Sideral-te! Do tipo que imita o ar atmosférico e sufoca na ausência. Nesse amor o homem pode se encontrar, conhecer suas próprias fôrças adormecidas, que às vêzes são até mágicas, produzem cometas, girassóis ou estranhos produtos refinados.

O homem só é autêntico no amor. Porque aí se revela, sobretudo a si mesmo, e transborda do seu convencionalismo em catadupas de personalidade cristalina.

Mas quantos terão amado neste mundo? Como é raro o amor, êsse amor crepitante, menos da carne que uma derivação das fôrças do Cosmo, das que movem o sol e as outras estrêlas!

Pelo pouco que se ama é que a gente vê, hoje em dia, tanta gente que não é. Tanta gente vivendo em faixas direcionais, sem um mínimo de individualidade. Numa "rinocerontização" prevista por Ionesco, uns querem ser como os outros, pelo simples fato de não terem a menor certeza do que são. Trezentas mulheres da sociedade procurando o destino de uma. E esta, por sua vez, querendo ser outra coisa. Uma seqüência interminável.

No entanto, quando alguém consegue ser, logo se ilumina. Não implica, necessàriamente, sua descoberta, em uma notoriedade rápida e tumultuosa. Significa, isto sim, a integração perfeita da criatura humana na mais inteira liberdade.

Olhem os lírios do campo.

KARL STRUWE

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

saúde

Se o indivíduo ainda fôr relativamente sadio e não quiser adoecer, bastar-lhe-á adotar um sistema de vida e de alimentação racionais.

Caso já esteja doente, consulte alguém versado nos métodos de cura natural e que possa recomendar as providências a tomar para que a própria natureza lhe restabeleça a saúde. É um êrro supor que se podem curar as doenças exclusivamente com drogas. Verdade é que os medicamentos podem auxiliar a natureza, facilitando a cura mas, se o próprio organismo não reagir, o remédio não cura. E há, também, muito remédio que só esconde a doença, fazendo desaparecer os efeitos sem eliminar a causa.

E as moléstias infecciosas, microbianas? — perguntarão alguns. O organismo perfeitamente sadio defende-se sózinho contra a invasão dos micróbios, que nêle não encontram terreno propício ao seu desenvolvimento.

É evidente que se injetarmos em um indivíduo, perfeitamente sadio e que siga um regime de vida racional, uma dose maciça de qualquer cultura microbiana, êle ficará doente e provàvelmente morrerá. Mas, em regra, não ocorrem infecções com uma quantidade assim enorme de micróbios de uma só vez e o indivíduo realmente sadio está em condições de reagir e anular os efeitos das pequenas quantidades de micróbios que normalmente penetram no seu organismo.

A saúde é o resultado da função harmônica da totalidade dos órgãos do corpo. Também pode ser explicada como sendo a circulação de um sangue puro num organismo são. Os sãos conseguem conservá-la e os doentes a adquirem pela sua acomodação às virtudes e às leis que operam dentro e em tôrno dêles. Essas leis e virtudes nos garantem a possibilidade de uma vida mais ou menos longa, conforme as características hereditárias que possuirmos a êsse respeito, pois são essas leis e virtudes que concorrem para a preservação da energia vital e da resistência orgânica.

As virtudes ou fôrças da natureza a que aludimos são: luz, calor, eletricidade, magnetismo, gravidade e capilaridade.

É graças a essas virtudes que o nosso planêta se torna habitável. São elas que modificam o solo de modo a permitir desenvolverem-se nêle as diferentes plantas para utilidade dos homens e dos animais. São elas ainda que criam as condições indispensáveis à nossa existência e ao nosso bem-estar, tornando possível a ação das leis que presidem aos fenômenos da vida.

O sol é o grande manancial de luz e de calor — duas virtudes da natureza sêm as quais a vida não existiria. Silenciosos e suaves na atuação, o seu efeito sôbre o organismo é todavia de grande alcance.

Afora essas leis gerais, cada ser vivente está sujeito ainda a certas leis especiais que se relacionam com as funções de cada órgão. O aparelho digestivo, por exemplo, age segundo normas especiais e determinadas. Cada um dos atos da digestão se opera de conformidade com uma lei minuciosamente regulada. Essas leis se denominam leis fisiológicas ou leis da vida animal. Na obediência a essas leis está o segrêdo da saúde.

Do livro "Como Ter Boa Saúde e Prolongar a Mocidade" — DIENO CASTANHO.

novelas na TV

Ùltimamente, todos os canais de televisão incluíram em suas programações a representação de novelas, que, dum modo geral, foram acolhidas com intenso agrado por grande parte da população. Algumas delas chegaram mesmo a empolgar a opinião pública consagrando difinitivamente a novela na T.V.

Em boa hora, vieram substituir, em parte pelo menos, aquêles filmes de vaqueiros (ou cow-boys), os quais, a par de refletir situações sempre falsas que de forma alguma se ajustam à realidade da vida, propagam o mais absoluto desprêzo pela pessoa humana. Nêsses filmes tudo é resolvido a socos, pontapés e tiros. E, quando o infeliz cai ao chão, ferido ou morto, passam-lhes por cima com a maior indiferença como se se tratasse, não de uma criatura humana, mas de um objeto ou coisa sem valor.

Os autores, os programadores e os patrocinadores dêsses filmes, cegados pelo interêsse monetário e dentro de sua rapinante inconsciência, dão a entender que a vida nada vale e que sòmente poderá vivê-la alguns anos quem portar nas caídas algibeiras de couro, pelo menos dois possantes bacamartes. É de tamanha profundidade a penetração maléfica dêsses filmes, que é corriqueiro ver-se nas ruas crianças correndo umas atrás das outras, disparando revólveres inescrupulosamente produzidos pelos fabricantes de brinquedos, que nada se importam com os efeitos nocivos que tais brinquedos possam produzir na desprevenida garotada.

Sendo como é a arte cinematográfica o divertimento preferido pela mocidade, as novelas tiveram a virtude de atenuar a preponderância prejudicial que êssé tipo de filmes exerce sôbre as novas gerações. Lamentàvelmente, porém, os autores e diretores das novelas não souberam colocar-se num plano superior aos filmes e estão atingindo a mocidade e a infância nos primórdios da formação dos seus princípios de urbanidade.

Dificilmente escapa um quadro das mencionadas novelas onde não se veja uma atriz, môça ou quarentona, que não faça alardes de suas malabaristas habilidades de fumantes. Esbanjam categoria no anti-higiênico vício de consumir tabaco. É de pasmar como o cigarro, justamente na época em que se lhe atribui poderosa influência na incidência do câncer, tenha penetrado tão profundamente no elemento feminino. Ìntimamente ligados às rodopiantes baforadas dos cigarros, os copos de Whisky também cintilam inebriantes na outra mão, a fim de mostrar às meninas e rapazes, que atentamente assistem ao desenrolar do texto, que todos os assuntos da vida, mesmo aquêles que requerem maior lucidez e serenidade, devem ser discutidos com as mãos ocupadas por aquêles dois produtos corruptores.

Evidentemente há um forçado exagêro no uso dêsses dois tóxicos no desenrolar das novelas. Na vida real não se faz tanto uso assim, indiscriminadamente, a qualquer hora e em qualquer situação. É tal o abuso do fumo e a insistência do copo e da garrafa nos quadros das novelas, que mais parece propaganda dêsses produtos do que obras de teatro. Ainda mais quando, querendo espichar a novela, e a pretexto de refletir a parte fútil do ambiente doméstico, não revelam absolutamente nada digno de ser visto; puras futilidades e pobreza de imaginação.

O cigarro, o copo e a garrafa devem aparecer em cena ùnicamente quando a peça exige que apareçam, e não como técnica obrigatória dessa incomensurável arte, que é o teatro. Esta arte, que prima pela surpresa, que prende pelo improviso, que seduz pelo encanto das situações, não pode ser empobrecida por atores e atrizes que se trasnformam em simples garotas-propaganda. Entendemos que atores e atrizes podem ter todo os vícios que queiram e todos os defeitos que lhes aprouver, fora do seu

(Continua pág. 7)

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

fome um flagelo mundial

O Dia da Saúde Mundial, foi consagrado à fome. Cêrca de metade da humanidade não come nunca o suficiente para saciar a fome, em virtude da falta de alimentos, tanto em quantidade como em qualidade. As principais vítimas da fome são as crianças das quais milhões caem doentes e morrem, ùnicamente porque a sua alimentação é muito pobre em prótidos. Aquêles que sobrevivem estão enfraquecidos até ao ponto de constituirem presa fácil às doenças da infância. Esta triste situação alimentar não é certamente nova e sem dúvida nunca foi doutro modo desde o princípio da humanidade. Graças à investigação científica, dispomos hoje todavia de conhecimentos e de meios que nos permitem produzir alimentos suficientes para alimentar o dôbro da população atual do glôbo. Uma tal situação anuncia o fim da maioria das doenças de carência.

Grandes diferenças existem evidentemente de um país para outro. Nos Estados Unidos, por exemplo, a população aumentou 35% desde o fim das hostilidades, enquanto que o aumento da produção alimentar se eleva até 60%. No Japão, o rendimento por hectar é de 3 a 4 vêzes mais elevado que na Índia. Na Europa, a criação de gado fornece 4 vêzes mais carne e leite que na América Latina e no Próximo-Oriente, 7 vêzes mais que em África e mesmo 10 vêzes mais que no Extremo-Oriente.

Nas regiões onde a situação alimentar é favorável, tais como a Europa Ocidental e os Estados Unidos, o consumo de carne e de laticínios vai aumentando, enquanto o consumo de cereais diminui. Em 1958 ,os francesas consumiram, por exemplo mais 13 kg de carne, por habitante, que em 1948. No mesmo lapso de tempo, o consumo de lacticínios aumentou de um têrço. Nas regiões de situação alimentar precária, o consumo de carne, de ovos e de lacticínios é muito restrito.

Numerosas doenças são consequência direta da má nutrição . Tais como o kwashiorkor, os estados anémicos, o escorbuto, o beribéri e a pelagra. Outras afecções, como o sarampo, as pneumonias e a tuberculose, encontram no sub-alimentado um terreno particularmente favorável. É necessário ter visto as inúmeras vítimas do kwashiorkor com o seu olhar duro e penetrante, o pequeno abdómen inchado e as pernas débeis, para não mais esquecer a personificação da fome. O kwashiorkor é essencialmente devido a uma carência de prótidos. Avalia-se em mais de 100 milhões o número de crianças por êle atingidas. O termo kwashiorkor — "rapaz vermelho" — é originário da África. Esta afecção, também chamada esteatocirrose carencial da ablactação ou sindroma da policarência da criança, é designada, nos Estados Unidos, pelo termo de "sugar babies".

Se bem que há longos anos se lhes conheçam as causas, as doenças de carências em vitaminas, como o béri-béri ,o escorbuto e a pelagra continuam por erradicar. Além das doenças por carência protídica ou vitamínica, as doenças de carência mineral, essencialmente por carência de ferro, estão ainda muito espalhadas.

No mundo inteiro, há investigações em curso na esperança duma melhoria da situação alimentar. Trata-se, sobretudo, de produzir uma alimentação rica em prótidos. Citemos a propósito os êxitos do Instituto de Nutrição da América Central e do Paramá, o INCAP fundado em 1949 na Cidade Guatemala. Como a criação de gado não é ,por assim dizer praticada na Guatemala, o leite, que aliás se não adapta ao paladar dos autóctones, é um produto raro e de preço elevado. O INCAP conseguiu então fabricar uma bebida a partir da farinha de milho ,de grãos de gergelim e de algodoeiro, de folhas verdes, de levedura e de vitamina A. Esta bebida, chamada "incaparina" é 5 vêzes mais barata que o leite, contendo tantos prótidos, mais fósforo e o dobro de ferro e de glúcidos. É muito apreciada pelos autóctones. Em 1960, as suas vendas cifraram-se em 60 toneladas, em 1961 em 121 toneladas e no primeiro semestre de 1962, ultrapassaram 200 toneladas. Iniciou-se igualmente a produção de incaparina em outros países da América Central. Bebidas análogas poderão ser produzidas noutras regiões, como na Ásia onde serão fabricadas com base no arroz, e na África com base no milho miúdo. Estão em curso experiências sôbre êste assunto.

Um melhoramento da situação alimentar exige em primeiro lugar, um alargamento das superfícies cultivadas, o que é realizável tanto nos trópicos como nas regiões frias. Outro fator importante é o desenvolvimento e a modernização da pesca. Mas de 70% da superfície do globo está coberta de água; entretanto os peixes, que constituem um dos alimentos mais ricos em prótidos, só entram na alimentação humana à razão de 1%. No Japão, onde as necessidades em proteínas animais são satisfeitas até 90% com peixe, estão em estudo vastos projetos de pesca englobando a participação de submarinos atómicos.

Descobriram-se, no decorrer dos últimos anos, algumas novas fontes de alimentos. Já mencionámos a incaparina, a nova bebida. É de notar que em cerca de 350.000 espécies vegetais conhecidas, só 600 são cultivadas em larga escala e que, em cêrca de 2 milhões de espécies animais, o homem apenas domesticou 50. Os Chineses sabem há milénios que o gérmen da soja equivale, no seu conteúdo em prótidos, à carne de vaca. O leite de soja contém tantas proteínas como o leite de vaca. O resíduo das sementes de oleaginosas (amendoim, gergelim, algodão e girasol) constitui, após estas espremidas, uma massa muito rica em prótidos que poderia servir de sustento humano ao invés de ser dada aos animais ou queimada. Na Suécia, desenvolveu-se a fabricação de farinha de peixe, a qual pode ser utilizada como adjuvante de certos alimentos. A farinha de peixe contém nada menos que 85% de prótidos. No Extremo-Oriente, essencialmente na Tailândia, utiliza-se o plâncton como alimento. É interessante fazer notar que a baleia se alimenta fundamentalmente dessa substância. Este mamífero marinho fornece, em média, 15 toneladas de gordura, o que corresponde a 500 porcos, e a mesma quantidade de carne que 72 bois.

A alga de água doce chlorella também permite produzir um alimento rico em prótidos. A sua produção é de 44 toneladas por hectare, o que corresponde a mais de 10 colheitas de trigo. A chlorella contém 10 vezes mais proteínas do que o arroz, 30 vêzes mais vitamina A do que o fígado de vitela 4 vêzes mais vitamina C do que os espinafres cujo sabor se aproxima do daquela alga.

A Terra dispõe assim de tesouros que podem servir para a alimentação da sua população, a qual está em expansão contínua. A ciência e a técnica já foram chamadas a contribuir e permitiram resolver importantes problemas preparando alimentos ricos em proteínas que servem de adjuvantes e produtos com base na carne e no leite. E, contudo, a luta contra a fome está apenas no início. O esforço dispendido é ainda insuficiente e torna-se indispensável proceder a campanhas em larga escala. A modernização dos métodos agrícolas e piscícolas, o incremento no consumo do peixe, a produção de novos alimentos ricos em prótidos, a racionalização dos sistemas de distribuição e vastas campanhas de instrução são outras tantas tarefas que incumbem à Organização para a alimentação e a agricultura da ONU, a OAA, com a qual a Organização Mundial de Saúde mantém estreitas relações.

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

fala papa paulo

Pedimos escusas aos nossos queridos leitores se mais uma vez louvamos o nosso comentário nas sacrossantas palavras do impertérrito papa Paulo VI. É que, històricamente falando, nunca um papa sentiu tanto espanto pela pobreza dos pobres e tampouco encarneceu com tanta veemência a reestruturação da economia universal.

Quem conheça, embora perfuntòriamente, o procedimento ultra-conservador que os chefes vaticanistas sempre tiveram através dos 16 séculos de predominio quase obsoluto que exerceram, não pode por menos que estarrecer ante êsses arroubos reformistas que Paulo VI c omtanta liberalidade solta.

Assim, em recente discurso por êle pronunciado no dia 11 de maio, perante um grupo de 90 técnicos reunidos em Roma para formar uma comissão destinada a estudar os problemas dos países em vias de desenvolvimento, entre outras coisas disse o seguinte:

"Os bens e os frutos dêste mundo foram criados para todos. Ninguém tem o direito de reservá-los, nem os indivíduos, nem as comunidades. Todos têm: grave dever de colocá-los ao serviço do mundo inteiro. Trata-se sòmente de aplicar o desenvolvimento integral e harmônico da pessoa humana, permitindo a cada um levar uma existência conforme a dignidade de seu ser, que foi criado a imagem de Deus".

Esta recente alocução condiz plenamente com aqueloutra anteriormente por nós comentada e conforme a resoluta decisão do papa em proclamar o reajustamento e humanização dos bens capitalizados. No século passado, um sociólogo francêse, J. P. Proulhon, escreveu um livro em que afirmava qu e"*A Propriedade é Um Roubo*" e foi muito combatido por isso. Agora, em pleno século vinte, vem o papa e faz a mesma afirmação, repetindo, com outras palavras, o que dissera Proudhon 120 anos atrás.

Não queremos passar por tendenciosos e por isso vamos repetir as palavras proferida por Paulo VI: — *"Os bens e os frutos dêste mundo foram criados para todos. Ninguém tem o direito de reservá-los nem os indivíduos, nem as comunidades. Todos têm o grande dever de colocá-los ao serviço do mundo inteiro"*.

Positivamente, os pronunciamentos do chefe da igreja católica revelam a preocupação do vaticano em relação ao conturbado momento histórico que atravessamos, em que tôda a andaimaria sôbre a qual repousa pelo homem e do homem pelo Estado, vacila e se decompõe. O que não compreendemos muito bem é por que os católicos de todo o mundo sempre aguardam ansiosamente a palavra do santo padre para pautar suas vidas e tomar as respectivas decisões, não lhe acatam religiosamente as suas sacrissantas conclamações, e, socializando cristianìssimamente todos os bens acumulados através do esfôrço alheio, inaugurem uma nova etapa da vida de relações em sociedade. Isto seria trazer para a terra a glória prometida no céu.

É, ao mesmo tempo, uma excepcional oportunidade para todos aquêles que estão esperando a palavra do chefe monitor do mundo ocidental para pôr em uso as pílulas anticoncepcionais, para atendêlo também no que se refere à riqueza acumulada. Surpreende-nos, por êsse lado, o descaso com que os fervorosos adeptos do catolicismo recebem as pregações humanitaristas do substituto de São Pedro. Parece que esqueceram que o papa é infalível e as suas palavras são santas e indiscutíveis.

Talvez a explicação dêsse descaso venial possamos encontrá-la na omissão do próprio vaticano, pois, quando Paulo VI fala das distribuição da riqueza, esquece, a sabendas, que o vaticano é o maior detentor da riqueza acumulada. Quando nos referimos à riqueza que guarda a casa de São Pedro, não atingimos certamente a riqueza artística ali existente. Referimo-nos, isso sim, a riqueza ouro, à riqueza maleável, à riqueza conversível, aquela que, posta em execução, poderia enxugar as lágrimas de boa parte da humanidade sofredora e faminta.

É por demais conhecida a espantosa e alucinante riqueza que dorme secularmente os beatíssimos cofres daquele portentoso casarão. Todos os pesquisadores e historiadores que tentaram desenterrar êsses segredos, afirmam que aquelas riquezas resolveriam os problemas de milhões e milhões de favelados. O ouro acumulado dentro daquela fortaleza espiritual, não é fácil avaliá-lo em seu cômputo real, dado que êle provém do carreamento feito através de séculos e sua origem perde-se na poeira do tempo.

No vaticano até o telefone é de puro ouro máciço, fato que motivou, na ocasião da sua instalação, um precioso poema crítico do imortal homem de letras, Umberto de Campo. Se tivessemos o condão de sermos ouvidos pelo vigário de Cristo, lhes sussurraríamos nos ouvidos êste pequeno rôgo:

Vamos, Paulo VI!... Um pouco mais de coragem e mete a mão nesses barrotes de ouro embolorados e mata a fome dêsses milhões de famintos da África, da Índia e do nosso massacrado Nordeste brasileiro. Amem.

Pedro Catallo

a sociabilidade

O homem, como todos os animais bisexuados, é um animal social. Não se trata aqui de um princípio metafísico, senão de um instinto profundo, orgânico. Essa sociabilidade se desenvolveu pelo transcurso do tempo, através da série animal de grau em grau na escala zoológica, verdadeira escala natural dos valores, e tende o homem, a chegar a sua plena expansão, embora ainda o impeçam as condições econômicas e políticas da vida.

Essa sociabilidade a vemos aparecer e manifestar seus primeiros efeitos com os primeiros efeitos com os primeiros rudimentos de vida e mcomum. Assim o sentido moral nasce e se aperfeiçoa com a associação. Os dois fenômenos são concomitantes solidários.

Porém o caráter social da vida é universal. Não é sòmente um aspecto da vida animal, se extende ao universal inteiro: é atômicoo e é cósmico. A sociabilidade humana não é senão essa tendência natural valorizada e fortificada pela razão e o costume. Tal é a gênesis no sentido moral. Tal genealogia da moral humana: fundamentalmente natural, fisiológico, físico.

A sociabilidade está em tôdas as partes: em estado latente ou em estado aparente. Certos corpos se combinam ou se amalgamam entre si: outros não se combinam e nem se amalgamam... Afinidade química: forma elemental da sociabilidade e de associação. Isto quando diz respeito a matéria bruta. Passemos a matéria vivente. Que são os órgãos vivos, desde os mais simples aos mais diferenciados, senão verdadeiras sociedades, associações de elementos biológicos? Há, siquer objetivamente, uma linha remarcatória entre os organismos chamados biológicos e os organismos chamados sociais? Entre uns e outros sem dúvida, percebemos a primeira vista um conjunto de unidade de seus componentes, enquanto nos outros, não. Porém êsse ponto de vista subjetivo, é base suficiente para uma distinção racional e científica? Em verdade, todo ser vivente é uma sociedade, como tôda so-

(Continua)

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

ciedade, animal ou humana, é um ser vivente. O que constitue é a ação recíproca, espontânea e constante de indivíduo a indivíduo, de unidade a unidade, quaisquer que sejam a aproximação ou a diferença materiais dêsses indivíduos, com essas unidades. Assim apesar de seu imediato contato, dois pedaços de rocha justapostos não formam uma associação, porque de um e de outro não há ação espontânea recíproca. A distância importa pouco, e se pode dizer que não existe diferença essencial, fundamental, entre a vida de uma sociedade humana, por exemplo, e a de uma coletividade celular. Vida e sociabilidade vão juntas.

A sociabilidade não é, senão a manifestação da tendência natural que tem a vida, em todo ser vivente, a intensificar-se.

novelas na TV

Os diretores e produtores de novelas devem prestar maior atenção nas marcações e movimentos dos artistas, dando-lhes indicações que correspondam à técnica teatral, enriquecendo os textos pela exteriorização dos sentimentos e pela movimentação adequada que comporta cada cena, que são coisas muito diferentes de fumar cigarros e beber whisky. Quem assiste televisão não quer aprender a fumar e beber. Isso se aprende na rua ou em qualquer lugar. Quem liga a televisão quer ver teatro e quer também, dentro do possível, conhecer soluções para o grande emaranhado de problemas que assoberbam a vida cotidiana.

Para refrescar a memória dos diretores de novelas, transcrevemos um trecho de um artigo publicado, cujo autor é o inteligente crítico e homem de teatro, Alberto D'Aversa:

"Um teatro é a forma mais direta para uma educação de massa que não baseie suas ambições nas histórias em quadrinhos; é o mais alto lugar de encontro de uma sociedade que acredita na função da cultura; teatro é escola para adultos."

O DIRETOR

trabalho . O que combatemos é a indiscutível influência que exercem na mocidade incipiente que está sempre pronta a copiar-lhes até a própria maneira de vestir. Combatemos quando o artista, valendo-se da sua arte ,transmite no recesso do lar, através da televisão, os defeitos e vícios que lhe são inerentes.

Como dizer a u'a menina que não deve fumar nem beber se ela vê cenas que reproduzem a vida familiar onde o conjunto de garrafas pontifica em primeira plana? Como aconselhar ao homenzinho de amanhã, que a bebida pode ser a sua perdição e de seu futuro lar, quando seu artista preferido não faz senão engolir álcool e esborrifar fumaça?

O sôbre natural

A despeito das preocupações que toma um primitivo para não irritar as potências invisíveis, e apesar de seus esfôrços para conciliar suas boas disposições para assegurar seu favor e seu apoio, com frequência uma prova cruel o faz reconhecer que não teve êxito. A caça e a pesca se tornam raras ou não se deixam apanhar. As colheitas escasseiam. As chuvas não caem ou caem em excesso. A enfermidade e a morte ferem as pessoas na fôrça da idade; muitas criaturas morrem, etc. Como explicar essas desgraças? Como evitá-las ou prevenir seus males?

Formularão, efetivamente essas perguntas; não, porém, como nós as fariamos, em seu lugar. Salvo exceção, quando algum acidente ou desgraça nos fere, descobrimos as causas no conjunto das circunstâncias em que elas se produziram. Procuramos sempre encontrar as causas por uma análise das relações dos fenômenos, sem sair da ordem das coisas verificáveis. Não apelamos nunca para o sobrenatural.

O primitivo procede de modo diametralmente oposto. Não que ignore completamente os enlaces positivos dos fenômenos. Sabe muito bem fazer uso de seus conhecimentos na caça e na pesca, nos trabalhos agrícolas, nas artes. Êsses conhecimentos, porém, apresentam um caráter exclusivamente prático. Utiliza as vantagens. Não os toma por objeto de reflexão. Não sabe que, projetados mais longe, contribuiriam para a inteligência das coisas e dos acontecimentos, dando-lhes mais dominio sôbre os mesmos. Seu espírito está orientado em outra direção. Reconhece imediatamente uma intervenção de fôrças sobrenaturais. Perguntará que má fé atuou sôbre si e por quê? A causa que lhe interessa é exterior ao encadeamento dos fenômenos. Dada a forma como se apresentam as relações das fôrças invisíveis com o curso ordinário da natureza, a causa sobrenatural intervém neste curso. Ela o domina e o modifica, não tomando, porém, um lugar determinado, não sabe, pois quando sua ação começa nem quando termina. Como é sobrenatural e, *em* certo sentido extra-espacial e extra-temporal. O que há de mais grave numa desgraça, não é a desgraça em si: é o que ela revela, isto é, a influência nefasta que se exerceu sôbre a vítima, que se exercerá novamente, colocando-a na iminência de novas desgraças. É assim que, todo acidente ou fracasso é interpretado como presságio de outros acidentes ou desgraças, que só deixarão de se produzir se a nefasta influência for neutralizada, paralizada ou levada a condições mais favoráveis.

balancete

CONTRIBUIÇÕES RECEBIDAS ATÉ 31 DE AGÔSTO

SÃO PAULO — G.A.F., 1.000; Universo, 1.000; Nunes, 2.500; Avulso, 1.000; Montanari, 500; Cairús, 500; Padilha, 2.000; Justo, 2.000; Sixto, 1.000; Breno, 10.000; Ney, 1.000; Pácio, 78.000; Ailso, 66.650; Hibrain, 4.000 Virgilio, 2.000; Gumercindo, 2.000; Gomes, 1.000; Peralta, 1.000; J.C., 2.000; Ailso, 5.000; Cecilio, 2.000; Rojo, 2.000; Floreal, 500; P., 500; Ailso, de jornais, 10.000; Martin, 1.000; — Total: Cr$ 200.150.

DIVERSOS — R. G. do Sul — R. Fernandes, 10.000; Iltchenko, 1.000; Campinas — Atilio 2.000; Ribeirão Prêto — P.F.S. Pinto, 1.000; Moji das Cruzes, Castor, 2.000; Total Cr$: 16.000.

TOTAL GERAL	Cr$	216.150
SALDO ANTERIOR	Cr$	70.410
ENTRADA TOTAL	Cr$	286.560

DESPESAS

Registro do jornal	Cr$	25.000
Selos p/ espedição	Cr$	2.000
Composição do n.º 3	Cr$	78.000
Letras e clichês do n.º 3	Cr$	66.650
Impressão e papel	Cr$	27.000
Total	Cr$	198.650

RESUMO

ENTRADA	Cr$	286.560
SAÍDA	Cr$	198.650
SALDO EM CAIXA	Cr$	87.910

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

nova visão de folclore

Já é conceito firmado de que folclore é sinônimo de nacionalismo. E de fato é do nacionalismo. Porém nunca de nacionalismo excluente, discriminatório e patrioteiro. E não poderia sê-lo nunca, porque o folclore em sua essência é universalista e humanista. Isto supõe o tácito reconhecimento das influências na elaboração de seus bens, provenientes de fontes que não são nativas. Porém estas influências não obedecem a caprichos senão que estão sujeitos às interinfluências ,influências recíprocas) às quais alguns autores chamam de interculturações. As influências mais fortes, supomos sejam as que vieram de povos conquistadores para povos dominados.

Os povos de conquista geralmente são povos de apogeu e na mesma situação se encontra o desenvolvimento espiritual e ergologicos que levam consigo. O processo de interculturação, em maior ou menor grau foi simultâneo daquêle.

Dependia do grau de vitalidade histórica, aquela que corresponde ao período de esplendor da humanidade.

Porém a influência da conquista e a colonização não são as únicas. Foram também importantes as que levaram os imigrantes de diversos países, e os do próprio do país no intercâmbio humano.

Compreende-se pois que o folclore é uma continuidade no sentido mesmo da história. E não pode ser desligado dela, desde que forma parte da antropologia cultural. O homem é um ente evolutivo, e com êle se modificam as disciplinas as artes e as ciências. "Nada há de novo debaixo do sol", é certo, porém tudo se modifica, se transmuda. Sheakespeare disse com infinda sabedoria por intermédio de Hamlet: "Nada fica igual" com efeito. Os elementos são os mesmos, porém combinações se modificam. As formas também. Estamos falando sòmente de folclore, porém êsse conceito pode-se estender às demais disciplinas. No folclore as manifestações se modificam com os mesmos elementos. Nascem, se desintegram e voltam a integrar novas expressões. Desta maneira nunca morrem totalmente, e de certa maneira representam o eterno ciclo homem-terra. Os elementos que se desintegram e não voltam a integrar-se, o fazem porque já concluiram seu ciclo vital e se não o conseguem é por que não contêm nenhum elemento que lhes permita intregar-se em novas formas. Porém isto nem sempre se dá. A maioria se integram modificados em novas formas impostas pela evolução do tempo. O mesmo ocorre, repetimos com tôdas as outras disciplinas.

Daí deveremos convir que os elementos do folclore são universais. Por isso crer que o folclore é nacionalismo chauvinismo, o produto exclusivo de bens impostos por povos conquistadores, é um êrro. O folclore é do povo e se bem aceita elementos combinados de formas extranhas à sua, conservará seus próprios bens até que êstes tenham razão de subsistir, neste caso um ciclo social a cumprir. O folclore de todos os povos do mundo é composto por elementos heterogêneos de tipo universal, porém cada povo realiza as integrações conforme sua individualidade, idiossincrazia e condição social. E isto particulariza o folclore regional e nacional. Não no sentido local e excluente, que já foi superado a muito tempo. Compreende-se então. Todo o fenômeno folclórico pode e deve ser em particular, como os fatos históricos, porém sem perder de vista suas relações universais, cada dia mais evidentes.

Lázaro Fleury

nós

O Centro de Cultura Social, com a exposição dos companheiros Ailso e Bonetti, de pintura e desenho, inaugura o seu "Laboratorio de Ensaios".

Essa designação não se limita a nominar apenas o local, mas também o movimento de arte que nêle agora começa a cumprir-se.

O Laboratório foi criado para dirigir-se à juventude, para estimular os artistas jovens e tentar reuni-los. As nossas portas estão abertas para a juventude que tenha aspiração de liberdade, que tenha ânimo de buscá-la e consinta em dialogar. Era preciso que essa juventude soubesse que basta um pequeno ritual e uma pequena sala se torna em teatro, em galeria de exposição, em rincão de arte.

Dêstes locais como o Laboratório, pequenos teatro, existem 400 em Buenos Aires, 80 em Paris; queremos vê-lo multiplicado em São Paulo. Para tanto esperamos que a juventude venha buscar o apôio. É a mais fundamental finalidade do Laboratório assistir a essa juventude, não substancialmente, não monetàriamente, pois somos um grupo de homens de vida modesta, mas com planejamento, orientação e transmissão da experiência que ora adquirimos. Para merecer nosso apôio bastará que êsses grupos se comprometam a, uma vez instalados, prestar assistência a outro grupo, que por sua vez também se comprometa assim.

A outra finalidade é a de, atravez do diálogo, conseguir uma linguagem na arte que atinja o público de fazer com que a arte sem deixar de ser arte, lute também, cumprindo seu papel de soldado nestes tempos... filhos do absurdo.

Laboratório de Ensaio
Kopezky

* * *

Nós precisamos de seu tempo:
Queremos que V. leia dealbar inteirinho.
Nós precisamos do seu dinheiro:
Queremos que V. dê uma contribuição para que dealbar continue saindo
O Dealbar não tem preço:
Dê quanto V. acha que êle vale.
Ou de quanto V. possa dar.
Isso será uma grande ajuda.

Redação e Administração:
Diretor: PEDRO CATALO
Rua Rubino de Oliveira, 85
Correspondência: Caixa Postal, 5739
São Paulo

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis